

# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



## **42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)**

**PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*)** – Walter Zanini

### **DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)**

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)  
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

### **DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)  
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)  
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)  
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)  
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

### **COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)  
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)  
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)  
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)  
Rita Lages (UFMG/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022**

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)  
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)  
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)  
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA**

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)  
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

**IMAGEM:** Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

**DIAGRAMAÇÃO:** Thaís Franco

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: [cbha.secretaria@gmail.com](mailto:cbha.secretaria@gmail.com)

# Discursos historiográficos – Tomo II: Antologia da arte em Santa Catarina

Luana Maribele Wedekin, Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC /  
<https://orcid.org/0000-0002-2454-6134>  
e-mail: [wedekinluana@gmail.com](mailto:wedekinluana@gmail.com)

## Resumo

O artigo vinculado à sessão temática “A crítica e a história da arte na construção de discursos historiográficos” tem como intuito apresentar o Tomo II da obra “Antologia da arte em Santa Catarina” realizada pelo Grupo de Pesquisa História da Arte: imagem-acontecimento, vinculado ao PPGAV – UDESC. Trata-se de uma antologia nos moldes da “Passado-presente em quadros: uma antologia da história da arte em Santa Catarina” (MAKOWIECKY, CHEREM, 2019). Nessa nova produção em fase de conclusão, o foco é na produção artística em linguagem tridimensional e a ideia é constelar artistas de relativamente amplo espectro cronológico, compreendendo desde um artista do século XVIII, como Xavier das Conchas (1739-1814), até artistas contemporâneos, como Franzoi (1969-), possibilitando uma visão mais abrangente da produção em todo este período.

**Palavras-chave:** Arte catarinense e discursos historiográficos. Crítica e História da arte em Santa Catarina. Obras tridimensionais na arte catarinense. Publicações e formação de arquivos. Arquivos sobre arte em Santa Catarina .

## Abstract

The article linked to the thematic session “Criticism and the history of art in the construction of historiographical discourses” aims to present Volume II of the work “Anthology of art in Santa Catarina” carried out by the Research Group History of Art: image-happening, linked to PPGAV – UDESC. It is an anthology along the lines of “Past-present in paintings: an anthology of the history of art in Santa Catarina” (MAKOWIECKY, CHEREM, 2019). In this new production nearing completion, the focus is on artistic production in three-dimensional language and the idea is to constellate artists from a relatively broad chronological spectrum, ranging from an 18th-century artist, such as Xavier das Conchas (1739-1814), to contemporary artists , such as Franzoi (1969-), providing a broader view of production throughout this period.

**Keywords:** Art from Santa Catarina and historiographical discourses. Criticism and Art History in Santa Catarina. Tridimensional Art in Santa Catarina. Publications and archive formation. Art Archives in Santa Catarina.

## Introdução:

Na apresentação do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, propõe-se “o desafio de pensar no trabalho que já se descortina no horizonte, questionando qual será o futuro da história da arte, como área de conhecimento, nas décadas vindouras”. Para o escopo desta comunicação, enfrentamos tal desafio combinado com a reflexão sobre “A crítica e a história da arte na construção de discursos historiográficos” a partir de um novo projeto desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa História da Arte: Imagem-Acontecimento, originado na Linha de Pesquisa em Teoria e História das Artes Visuais do PPGAV – UDESC, sob liderança da Profa. Dra. Sandra Makowiecky: a antologia da arte catarinense com foco na produção em linguagem tridimensional.

Tal projeto tem caráter ao mesmo tempo retrospectivo e prospectivo: olhamos brevemente para o histórico de nossas pesquisas de modo a contextualizar a produção atual que também aponta para o futuro. O Grupo História da Arte: Imagem-Acontecimento tem sido consistente na produção voltada para a história da arte e crítica da arte realizada em Santa Catarina, reforçando a vocação do PPGAV-UDESC em fomentar não só a formação e qualificação acadêmica na área, mas na constituição mesmo de uma historiografia da arte catarinense. Podemos destacar os projetos de pesquisa já realizados coordenados desde 1986 por Sandra Makowiecky, em alguns casos - a partir de 2007 - com parceria com Rosângela Miranda Cherem: *Arquitetura Religiosa e Militar nos Séculos XVIII e XIX e documentos da Arte Sacra existente nas Igrejas e Capelas de Florianópolis (1986-1987)*; *Arquitetura Religiosa e Militar nos Séculos XVIII e XIX e documentos da Arte Sacra existente nas Igrejas e Capelas de Florianópolis (1993-1995)*; *Florianópolis: Conjuntos históricos Urbanos tombados (2005-2007)*; *Academicismo e Modernismo em Santa Catarina (2007-2010)*; *Imagem-Acontecimento: contemporizações da Modernidade Artística em Santa Catarina (2010-2016)*; *Xavier das Conchas e Xavier dos Pássaros: Passeio Público do Rio de Janeiro e os primeiros espaços públicos de exposição no Brasil (2014-2016)*; *Passado-contemporâneo: História da Arte em Santa Catarina (2017-2022)*; *Acervos e Arquivos em Santa Catarina: implicações e conexões (2017-2022)*; *Passado-Presente: História da arte em Santa Catarina – uma antologia de obras tridimensionais (2020-atual)*. O detalhamento dessa produção está descrito no artigo *Discursos historiográficos – Tomo I: Antologias da arte em Santa Catarina*, também apresentado no 42º Colóquio do CBHA.

A contribuição para a história da arte catarinense é ampla, com formação de numerosos pesquisadores, profusa produção acadêmica (trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses), bibliográfica (artigos em periódicos científicos, capítulos de livros, livros e catálogos de exposições organizados), crítica (em periódicos científicos, materiais de exposições, textos curatoriais) e curatorial (organização de exposições).

A circunscrição à arte catarinense não objetiva sugerir nenhum tipo de identidade regional, o que findaria por instrumentalizar ou hipostasiar essa produção, como afirmara Huchet (2017). Busca-se pensar a obra considerando “certas circunstâncias datadas e contingências geográficas” e apreendê-la “nem como objeto ou sujeito, nem como matéria ou conceito, mas como acontecimento, cujas injunções irresolutas não cessam de rebater e retornar, lançando-a para além do tempo-espço em que foi gerada” (CHEREM, 2009, p. 131).

O foco desta comunicação é o Tomo II do projeto Presente-passado em quadros: uma antologia da história da arte de Santa Catarina, publicado em 2019, cujo objetivo era:

contribuir para a formação de um arsenal imagético e bibliográfico capaz de ampliar o repertório visual e crítico sobre as artes plásticas em Santa Catarina, unindo passado com presente, evitando um mero estudo biográfico e ou cronológico, visando compor antologias que possam auxiliar a compreender a história da arte feita em Santa Catarina, buscando reconhecer as principais questões plásticas (poéticas e faturas) e afinidades temáticas, condições de trabalho, expectativas e sociabilidades artísticas que emergem no circuito de Santa Catarina. (MAKOWIECKY, 2019, p. 17)

No Tomo I da Antologia, foram selecionadas 30 obras em suportes biplanares de artistas oriundos de Santa Catarina ou que transitaram ou se radicaram no estado. Para o Tomo II em fase final de elaboração, o foco repousa em obras e artistas que trabalharam com a tridimensionalidade, compreendendo uma grande variedade de elementos como cerâmica, escultura, monumentos, objetos e instalações artísticas. O critério de seleção das obras e artistas foi o equilíbrio entre a qualidade artística das obras e sua representatividade histórica. O marco cronológico é amplo, com obras que vão desde o fim do século XVIII até o século XXI.

Importante aspecto a ser considerado nesta seleção, como na antologia de 2019, é a acessibilidade das obras e, ainda que se tenha considerado a possibilidade de obras pertencentes a acervos particulares, privilegiaram-se trabalhos em acervos de museus e instituições de acesso ao público em geral.

O Tomo II reafirma os fundamentos epistemológicos norteadores da produção do Grupo de Pesquisa, explicitados de forma detalhada no Tomo I.<sup>1</sup> Em termos metodológicos, os artigos se fundamentam em pesquisa bibliográfica na linha de teoria e história da arte e temas convergentes para compreensão das obras; assim como foram consultadas fontes primárias, livros, entrevistas, artigos, periódicos, catálogos, fontes digitais relevantes e fontes imagéticas.

---

1 Ver Makowiecky (2019, p. 11-12).

Vale ressaltar que o Tomo II da Antologia ampliou a participação de pesquisadoras autoras. São todas mulheres, vinculadas ao grupo de pesquisa Imagem-acontecimento, ex-orientandas de membros do grupo de pesquisa e críticas de arte associadas à Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

### **Afinidades consteladas**

Embora o Tomo I da antologia tenha apresentado as obras e artistas a partir de um eixo cronológico, aqui gostaria de propor um exercício de constelações de afinidades. As obras e artistas escolhidos configuram uma heterogeneidade com dois elementos em comum; a tridimensionalidade e o vínculo com Santa Catarina. Contudo, sua riqueza permite inúmeras aproximações e combinações a serviço de compreendê-las do ponto de vista da teoria, história e crítica da arte.

Umberto Eco, em *A vertigem das listas* (2010), discorre sobre a “enumeração caótica” no “absolutamente heterogêneo” (p. 321). E para falar do poema *Bateau ivre*, de Arthur Rimbaud (1854-91) apresenta a distinção entre “enumeração conjuntiva e enumeração disjuntiva”:

Uma enumeração conjuntiva [...] reúne coisas que, mesmo diversas, emprestam uma coerência ao conjunto na medida em que são vistas por um mesmo sujeito ou consideradas num mesmo contexto; já a enumeração disjuntiva exprime uma fragmentação, uma esquizofrenia do sujeito que percebe uma sequência de impressões disparatadas sem conferir nenhuma unidade a elas (ECO, 2010, p. 321-322)

Para pensar as constelações de afinidades que apresento aqui, vou me valer dos dois tipos de enumerações: conjuntiva e disjuntiva. Dentre as enumerações conjuntivas, proponho:

*Constelação da tradição:* Moacir Fernandes de Figueiredo; Fritz Alt, Gotfredo Thaler; Mario Avancini;

*Afinidades com o espaço público:* Guido Heuer, Giovanna Zimmermann, Helena Montenegro, Pita Camargo, Plínio Verani; Mauricio Muniz;

*Tramas de afinidades:* Berenice Gorini, Clara Fernandes, Elke Otte Hülse;

*Feminino constelado no barro:* Betânia Silveira; Cristina Brattig Almeida; Clea Espíndola, Ilca Barcelos, Rosana Bortolin, Sara Ramos;

*Constelações materiais:* Elke Hering; Dalme Marie, Ivens Machado, Luiz Carlos Canabarro Machado; Janor Vasconcelos;



*Objetos afins*: Juliana Hoffmann, Sergio Adriano H, Roberta Tassinari, Carlos Franzoi, Linda Poll; Sandra Favero.

Apresento ainda uma enumeração disjuntiva, cuja falta de unidade e natureza heterodoxa advém do caráter mesmo das produções dos artistas reunidos. É o grupo das *Afinidades imprevistas*: Xavier das Conchas, Luiz Henrique Schwanke, Doraci Girrulat, Diego de los Campos.

Passemos então a apresentar cada grupo de artistas.

### **Constelação da tradição**

Quando falamos de tradição na linguagem da escultura referimo-nos a uma longa linhagem cujas origens remontam à escultura grega clássica com seus valores expressos no cânone de Policleto cujos princípios são ritmo (composição) e simetria (equilíbrio das partes) baseados na proporção matemática (FLYNN, 2002), valores que submergem durante a Idade Média para retornarem somente no século XIII com Nicola Pisano e se estabelecerem de forma persistente no Renascimento italiano. A sedimentação destes valores atinge seu ápice na escultura neoclássica e as premissas defendidas por Johann J. Winckelmann (1717-1768). O historiador da arte alemão defendia o “bom gosto” oriundo dos antigos gregos, que deveria ser imitado em seu padrão de beleza idealizado, o corpo humano de preferência nu, perfeito e jovem, firme e magro, bem contornado (com a representação anatomicamente correta dos músculos em tensão e movimento), tais elementos deveriam compor uma sensação de unidade. Esta perspectiva se espraia por todos os lugares onde o modelo acadêmico se estabeleceu como arte oficial, incluindo o Brasil, com a fundação da Academia Imperial de Belas Artes em 1826.

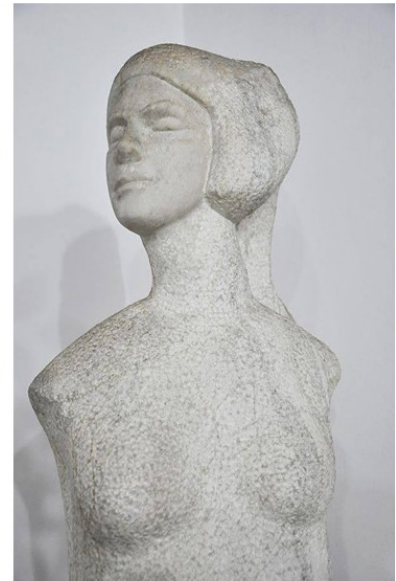
Em Santa Catarina, podemos destacar Moacir Fernandes de Figueiredo, que ingressou na ENBA em 1939, sendo sua produção escultórica tributária de uma concepção de realismo visual, embora, alguns croquis arquivados pela família apontem experimentações modernistas. Nessa mesma enumeração, reuni o alemão radicado em Joinville Fritz Alt, cuja trajetória incluiu também monumentos e bustos em bronze; assim como o escultor em madeira Gotfredo Tahler, que reatualizou a escultura tradicional em madeira de origem austríaca com seus motivos sacros e expressividade típica do norte da Europa. Em afinidade com esse conjunto de artistas incluo Mario Avancini, cuja produção da escultura em pedra atravessou o eixo paradigmático fundamental da tradição relativa à centralidade do corpo humano, ainda que não exclusivamente. (Fig.1)



**FRITZ ALT**  
(Lich, Alemanha 1902-  
1968, Joinville)



**GOTFREDO THALER**  
(Treze Tílias, 1940-2012)



**MARIO AVANCINI**  
(Rodeio, 1926-1966)

### Figura 1

Constelação da tradição.

Esculturas em bronze, madeira e mármore.

Fonte: a autora, 2022.

## Afinidades com o espaço público

Alguns escultores selecionados para a Antologia tiveram e têm consistente produção de trabalhos em espaços públicos. Plínio Verani, é um escultor que domina o ofício conjugando a produção de obras em grande escala em espaços públicos e oficiais, como o Monumento aos açorianos (2002), estrategicamente posicionada em frente ao edifício da Prefeitura e Câmara Municipal de São José. Produz também bustos de personagens ilustres, conjuntos de esculturas para monumentos, nos mais diversos materiais, inclusive a fundição em bronze. Guido Heuer, escultor blumenauense, aprendeu o ofício da fundição de metais com seu avô. Este é o material predominante de seus trabalhos, como na escultura *Sementes*, em Blumenau, um impactante volume minimalista de 13 metros de altura realizado com 13 toneladas de aço.



**GUIDO HEUER**  
(Blumenau, 1956-)



**MAURÍCIO MUNIZ**  
(Lages, 1956-)



**HELENA MONTENEGRO**  
(Rio de Janeiro, 1954-)



**PITA CAMARGO**  
(Blumenau, 1966-)



**GIOVANNA ZIMMERMANN**  
(Capanema, PR 1947 -)

## Figura 2

Constelações públicas.

Fonte: a autora, 2022.

Giovanna Zimmermann tem uma consistente produção de esculturas especialmente na combinação de metais diversos, localizadas em edifícios particulares, mas visíveis aos transeuntes da cidade. Aproximo deste grupo as esculturas de inspiração orgânica em cimento de Helena Montenegro. Pita Camargo esculpe formas abstratas em mármore que podem estar em espaços públicos e, inusitadamente, em ambientes como o fundo do mar. Maurício Muniz tem atuação em diversas linguagens, mas sua intervenção urbana *Mar... que falta – Inundação*, realizada em dezembro de 2012 no centro da cidade de Florianópolis foi de tal forma marcante que se tornou obrigatória nesta antologia.

## Tramas de afinidades

A amarração desse conjunto de artistas dá-se pelo fio da tapeçaria. Berenice Gorini é uma pioneira, a única mulher entre os dez artistas representantes da década de 1970 que figuraram na 15ª Bienal de São Paulo de 1979. Suas peças originais atestam a qualidade da produção na linguagem da tapeçaria que figura na antologia também com os trabalhos de Clara Fernandes, com suas instalações e peças envergadas em performances impactantes; assim como na criativa união de tapeçaria e tecnologia dos trabalhos de Elke Otte Hülse. (Fig. 3)



**BERENICE GORINI**  
(Nova Veneza, 1941-)



**ELKE OTTE HÜLSE**  
(Blumenau, 1961-)



**CLARA FERNANDES**  
(São Paulo, 1955-)

### Figura 3

Tramas de afinidades.  
Fonte: a autora, 2022.

### Feminino constelado no barro

A cidade de Florianópolis reúne um grupo de mulheres ceramistas profissionalizadas e extremamente atuantes: Betânia Silveira, Cristina Brattig Almeida, Clea Espíndola, Ilca Barcelos, Rosana Bortolin e Sara Ramos. Aqui a constelação gira em torno do material: o barro. Estas artistas combinam a persistência da manipulação artesanal da argila e seus processos tradicionais – modelagem, secagem, queima -, com os processos contemporâneos de hibridismos de materiais, a serialidade, a apresentação na forma de instalações. Em seus trabalhos é possível identificar a presença de alguns temas: os mimetismos das formas naturais, e muito fortemente a materialidade e profundidade dos temas femininos: sejam os contornos sinuosos e dobras dos seus corpos, sejam elementos do universo cotidiano das mulheres, ou ainda, as referências a figuras mitológicas pertencentes ao âmbito do sagrado. (Fig. 4)

**ILCA BARCELLOS**  
(Pelotas, RS, 1955 - )



**BETÂNIA SILVEIRA**  
(Belo Horizonte, MG, 1957-)

**SARA RAMOS**  
(Florianópolis, 1958-)



**ROSANA BORTOLIN**  
(Passo Fundo, RS, 1964-)

#### **Figura 4**

Feminino constelado no barro.

Fonte: a autora, 2022.

### **Constelações materiais**

Na concepção de escultura tradicional, o material é fundamental pois engendra o próprio gesto expressivo do artista: modelar o barro, esculpir a pedra, entalhar a madeira, fundir o metal. Herbert Read (2003) faz uma apreciação algo desolada sobre a escultura moderna. Parece que há nele uma certa nostalgia de algo importante que foi perdido, muito especialmente aqueles princípios que Auguste Rodin definiu: a forma concebida em profundidade, a indicação clara dos planos dominantes, o referencial a partir de um centro de onde a escultura se expande para o exterior, a atenção ao relevo. Embora alguns escultores modernos ainda compartilhem tais valores (como Hans Arp e Henry Moore), Read identifica outras preocupações, como o vitalismo, que Moore descreveu assim: “uma obra pode ter em si uma energia retida, uma intensa vida própria, independente do objeto que porventura represente” (Apud READ, 2003, p. 161). Algumas esculturas de Elke Hering certamente se encaixariam nessa definição. Os trabalhos de Dalme Marie, por sua vez, poderiam ser descritos por outros princípios, que Read igualmente identificou na escultura moderna: a ordem advinda do “equilíbrio ou arranjo de elementos irregulares” (2003, p. 207), um “princípio da indeterminação, por formas em relação antes dinâmica que estática” (2003, p. 210). (Fig.5)



**IVENS MACHADO**  
(Florianópolis, 1942- Rio de Janeiro, 2015)



**ELKE HERING**  
(Blumenau, 1940-1984)



**LUIZ CARLOS CANABARRO MACHADO**  
(Pelotas, 1948-)



**DALME MARIE**  
(Chapecó, 1949-1996)

### Figura 5

Constelações materiais.  
Fonte: a autora, 2022.

Luiz Carlos Canabarro Machado, apesar de ser um ceramista, figura nesta constelação em virtude de seu trânsito também na escultura em metal. Muito antes de ser tendência, o artista gaúcho produziu séries de trabalhos que remetiam aos simbolismos da umbanda. E nesse caso, mais que associar suas esculturas à nudez dos materiais dos construtivistas, o vínculo mais apropriado seria aquele com a origem africana, cujo domínio do trabalho com o ferro data de 2500 anos atrás, e cujo labor ferreiro é parte do legado das tecnologias africanas e disseminou-se no trabalho dos escravizados mas também nos objetos rituais das religiosidades dessas matrizes<sup>2</sup>.

Os trabalhos de Ivens Machado apresentam-se como conversas entre materiais, numa poética de cunho mais conceitual, em diálogo transformador com o espaço expositivo. Janor Vasconcelos reafirma na escultura os vínculos com o sul catarinense e sua poética-política do mineiro. Mesmo quando opera com a madeira, com o barro, retorna sempre ao negrume do carvão.

<sup>2</sup> Para um panorama da questão das tecnologias derivadas de matriz africana ver Rodrigues da Silva; De Brito Dias, 2020.

## Objetos afins

A linguagem tridimensional incorpora o objeto e Frederico Morais, ao caracterizar o campo tridimensional na arte brasileira, assim define esta categoria:

Um Objeto (com O maiúsculo) é mais que um simples objeto, seja ele natural, artesanal ou industrial. É um estado de arte, depois da Figura, da Abstração e da Arte Concreta, e antes do Conceito e do Corpo. Etimologicamente (do latim, *objectum*), significa lançar contra, coisa colocada diante de nós, com um caráter material. É, pois, aquilo que resiste ao sujeito, objeção. (1999, p. 226)

Este grupo de artistas empresta do mundo das coisas o material de seus trabalhos (Fig. 6). Parece-nos que o objeto na arte modifica a função de sua presença na arte contemporânea. Se nos *ready-mades* de Duchamp a dimensão da vida banal assumia o status da arte, na era da informação as coisas dão lugar aos dados. O filósofo Byung-Chul Han alerta: “A digitalização descoisifica e desencorpora o mundo” (2022, p. 9). Para ele, “as coisas estabilizam a vida humana na medida em que lhe conferem continuidade [...]. As coisas são polos de repouso da vida” (2022, p. 12). Han afirma que o “fetichismo das coisas desapareceu” e “a digitalização encerra o paradigma da coisa” (HAN, 2022, p. 14). Pode-se pensar no uso dos objetos por estes artistas como uma espécie de retorno às coisas, uma relutância diante deste processo no qual “produzimos e consumimos mais informações que coisas” (HAN, 2022, p. 14).



**Figura 6**

Objetos afins.

Fonte: a autora, 2022.

Sandra Favero é uma arqueóloga em deriva, e sua poética parece redescobrir objetos achados (*objets trouvés*) como tesouros esquecidos de civilizações perdidas (objetos que o mar tragou e devolveu carcomidos ou transformados pelas cracas do mar) e usos obsoletos. Nos objetos de Juliana Hoffmann, Carlos Franzoi e Sergio Adriano H. os livros assumem funções diversas, respectivamente: afeto e memória, elementos escultóricos evocativos de sentidos sociais e auxiliares de performances, fortes libelos na luta antirracista.

As instalações de Roberta Tassinari são bem-humoradas apropriações de objetos triviais como afirmações formais e manifestos contundentes de cor. São transfigurações muito refinadas de utensílios comuns que compõem uma pesquisa contínua sobre a cor. Na poética de Linda Poll destaca-se a questão da serialidade, mas não aquela do múltiplo despersonalizado. Suas instalações revelam o múltiplo individualizado, singular, único, explorando formas pequenas e delicadas.

### **Afinidades imprevistas**

Por fim, uma constelação de artistas marcada pela falta de unidade. Estão separados no fio do tempo, não se unem por nenhuma coincidência substancial. Ao contrário, atravessam linguagens, subvertem uso dos materiais e suas obras não podem ser circunscritas por elementos temáticos. De forma provocativa, incluo nesse grupo Xavier das Conchas (Francisco dos Santos Xavier), artista nascido no Rio de Janeiro em 1752, mas que morou na ilha de Santa Catarina por 32 anos e cuja habilidade de seus trabalhos artísticos com conchas foi registrado por Henrique Boiteux nos primórdios da historiografia da arte catarinense (MAKOWIECKY, 2016, p. 87). Sem querer incorrer num mau anacronismo, alguns trabalhos do artista poderiam ser compreendidos como protótipos de *assemblages*. O conceito de *assemblage* foi cunhado pelo artista francês Jean Dubuffet (1901-1985) em 1953 e caracteriza-se por uma “justaposição de elementos”, numa “concepção de que os objetos díspares reunidos na obra, ainda que produzam um novo conjunto, não perdem o sentido original” (ASSEMBLAGE, 2023).

Os artistas Luiz Henrique Schwanke e Doraci Girrulat são da mesma geração e podem ser aproximados pela inquietude, pela experimentação, pelo uso de materiais inusitados, pelo transcender das linguagens, por sua ousadia, originalidade, profundidade. Ambos poderiam ser compreendidos por estarem “num território situado fora da vida corrente e das zonas de conforto”, como refletiu Cherem acerca de Schwanke e outros artistas que ela considerou seus congêneres (2014, p. 7). Seus trabalhos escapam a definições ou classificações estáticas, mas tocam alguns dos papéis fundamentais da arte contemporânea, segundo Ward (2014): arte como confrontação, evento, mensagem, meditação.



Diego de los Campos trabalha a herança de Marcel Duchamp e Jean Tinguely na qual a escultura se torna máquina. Ainda que os engenhos de Duchamp sirvam inicialmente a propósitos ópticos, as máquinas inúteis de Tinguely estão mais próximas das propostas de los Campos. Não são em absoluto máquinas de iludir, ou de contemplar, mas mecanismos para inquietar. Alinham-se a alguns trabalhos que Rosalind Krauss (1998) reuniu no capítulo *Balés mecânicos: luz, movimento e teatro*, onde descreve a aproximação da escultura e do teatro, especialmente a “experiência estendida do tempo” (p. 244). Em *A fabriqueta: desenhos de um real*, de 2020, o artista produziu estranhas máquinas de desenhar. São aparelhos caóticos, que rabiscam em movimentos repetitivos, algo descontrolados. Suas engrenagens aparentes diferenciam-se de outros trabalhos com figuras humanas como *Dialética binária* (2016, 2017), *Observadores* (2018). Tais obras remetem ao *Unheimlich* (Infamiliar) descrito por Freud (originalmente em 1919). Os autômatos despertariam a sensação de inquietante, “por provocarem no espectador a suspeita de que processos automáticos – mecânicos – podem se esconder por trás da imagem habitual que temos do ser vivo” (2010, p. 340).

A elaboração desta breve enumeração da arte tridimensional em Santa Catarina não se pretende exaustiva. Cada um destes artistas será tratado individualmente. Reunir material sobre os 34 artistas foi difícil pois as informações são dispersas, as imagens estão em baixa qualidade, há poucos dados sobre as obras. A escrita deste artigo confirmou a necessidade do Tomo II da antologia como mais uma contribuição na constituição da história da arte de Santa Catarina.

## Referências

- ASSEMBLAGE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assembleage>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2023. Verbete da Enciclopédia.
- CHEREM, R. M. Imagem-acontecimento. In: SILVA, M. C. F. da.; MAKOWIECKY, S.. *Linhas cruzadas: Artes Visuais em debate*. Florianópolis: Editora da UDESC, 2009. p. 131-156.
- CHEREM, R. M. Apresentação. In: CHEREM, R.M.; MAKOWIECKY, S. *Schwanke: processos pulsáteis*. Florianópolis: Editora da UDESC, 2014. p. 7-25.
- ECO, U. *A vertigem das listas*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FLYNN, T. *El cuerpo en la escultura*. Madrid: Akal, 2002.

FREUD, S. O Inquietante. In: *Obras completas v. 14: História de uma neurose infantil: (O homem dos lobos)*: além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.p. 328-376.

HAN, Byang-Chul. *Não-coisas*. Petrópolis: Vozes, 2022.

HUCHET, S. O “bárbaro” germano: um fetiche da historiografia europeia da arte no século XIX. In: *COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 32, 2017, Salvador*. Anais [...]. E-book, CBHA, 2018 [2017]. Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2017/anais/pdfs/Stephane%20Huchet.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

KRAUSS, R. *Caminhos da escultura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAKOWIECKY, S. Os primeiros espaços públicos de exposição no Brasil: Xavier das Conchas e Xavier dos Pássaros. In: MAKOWIECKY, S.; CHEREM, R.M. *Pensatas sobre arte e tempo, imagem e arquivo*. Florianópolis: AADESC, 2016. p. 75-111.

MAKOWIECKY, S. Considerações gerais sobre uma antologia da história da arte em Santa Catarina. In: MAKOWIECKY, S.; CHEREM, R.M. (Orgs.). *Passado-presente em quadros: uma antologia da história da arte em Santa Catarina*. Florianópolis: AAESC, 2019. p. 7-20.

MAKOWIECKY, S.; CHEREM, R.M. (Orgs.). *Passado-presente em quadros: uma antologia da história da arte em Santa Catarina*. Florianópolis: AAESC, 2019.

MORAIS, F. O Campo Tridimensional: Esculturas, Relevos, Objetos e Instalações. In: FABRIS, A.; COCCHIARALE, F.; FAVARETTO, C.; CHIARELLI, T.; MORAIS, F. *Tridimensionalidade: arte brasileira do século XX*. São Paulo: Itaú Cultural: Cosac & Naify, 1999. p. 225-247.

READ, H. *Escultura moderna: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RODRIGUES DA SILVA, L. C.; DE BRITO DIAS, R. As tecnologias derivadas da matriz africana no Brasil: um estudo exploratório. *Linhas Críticas*, [S. l.], v. 26, p. e28089, 2020. DOI: 10.26512/lc.v26.2020.28089. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/28089>. Acesso em: 5 fev. 2023.

**Como citar:**

WEDEKIN, Luana Maribele. Discursos historiográficos – Tomo II: Antologia da arte em Santa Catarina. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 77-90, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719. DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.004>  
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>